



SEÇÃO ENSAIOS E REVISÕES

Do diálogo teórico à prática inclusiva: mediação e dialogismo no ensino de Ciências para alunos com deficiência visual

From theoretical dialogue to inclusive practice: mediation and dialogism in science education for students with visual impairments

Caio de Araujo Souza¹

Maria da Conceição de Almeida Barbosa Lima²

RESUMO

O presente ensaio objetiva analisar as convergências entre os constructos teóricos de Lev Vigotski e Mikhail Bakhtin, elucidando suas implicações para o processo de ensino-aprendizagem. Examina-se, primeiramente, a teoria sociointeracionista vigotskiana, segundo a qual o desenvolvimento das funções psíquicas superiores ocorre da esfera social (interpsicológica) para a individual (intrapsicológica). Nesse processo, a Zona de Desenvolvimento Iminente (ZDI) é concebida como a dimensão na qual a mediação pedagógica se torna efetiva, potencializando o desenvolvimento do aprendiz para além de suas capacidades autônomas. Em contrapartida, aborda-se o dialogismo bakhtiniano, que concebe a linguagem como um fenômeno intrinsecamente social, no qual todo enunciado se constitui em resposta a enunciados anteriores, formando uma contínua cadeia de comunicação. Como evidência empírica da referida articulação teórica, analisa-se uma experiência prática de campo de ensino de Ciências. A pesquisa, conduzida com estudantes com deficiência visual na Pista Cláudio Coutinho (Rio de Janeiro), investigou como as barreiras de acessibilidade em um espaço não formal de ensino impedem a apropriação do conhecimento científico. Nesse contexto, um audioguia foi empregado como ferramenta de mediação vigotskiana, demonstrando sua eficácia ao atuar na ZDI dos estudantes, conectando a experiência sensorial imediata a conceitos científicos abstratos. Concomitantemente, o instrumento fomentou um processo dialógico bakhtiniano, observado na enunciação dos participantes, que não se limitaram a reproduzir o conteúdo, mas o reelaboraram ativamente, integrando-o às suas vivências e vozes individuais. A integração dessas perspectivas oferece, assim, um arcabouço teórico robusto para a fundamentação de práticas pedagógicas que transcendem o modelo de transmissão de conhecimento, promovendo a construção colaborativa de significados e estabelecendo um ambiente educacional inclusivo orientado para o desenvolvimento da autonomia e do pensamento crítico dos educandos.

Palavras-chave: Educação Inclusiva. Mediação Pedagógica. Desenvolvimento.

ABSTRACT

This essay aims to analyze the convergences between the theoretical constructs of Lev Vygotsky and Mikhail Bakhtin, elucidating their implications for the teaching-learning process. It first examines the Vygotskian socio-

1 Instituto Oswaldo Cruz. Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)
Mestre em Ensino em Biociências e Saúde pela Fiocruz
E-mail: caio.1099@gmail.com

2 Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP)
E-mail: mcablima@uol.com.br



-interactionist theory, according to which the development of higher psychic functions occurs from the social sphere (interpsychological) to the individual sphere (intrapsychological). In this process, the Zone of Proximal Development (ZPD) is conceived as the dimension in which pedagogical mediation becomes effective, enhancing the learner's development beyond their autonomous capabilities. In parallel, it addresses Bakhtinian dialogism, which conceives language as an intrinsically social phenomenon, wherein every utterance is constituted in response to previous utterances, forming a continuous chain of communication. As empirical evidence of this theoretical articulation, a practical field experience in science education is analyzed. The research, conducted with visually impaired students on the Claudio Coutinho trail (Rio de Janeiro), investigated how accessibility barriers in a non-formal educational space hinder the appropriation of scientific knowledge. In this context, an audio guide was employed as a Vygotskian mediation tool, demonstrating its effectiveness by operating within the students' ZPD, connecting immediate sensory experience to abstract scientific concepts. Concurrently, the instrument fostered a Bakhtinian dialogic process, observed in the participants' enunciations, as they did not merely reproduce the content but actively reworked it, integrating it with their individual experiences and voices. The integration of these perspectives thus offers a robust theoretical framework for grounding pedagogical practices that transcend the knowledge transmission model, promoting the collaborative construction of meanings and establishing an inclusive educational environment oriented towards the development of autonomy and critical thinking in learners.

Keywords: Inclusive Education. Pedagogical Mediation. Development.

Introdução

Este trabalho busca aproximar as contribuições de dois grandes teóricos russos, Lev Vygotski e Mikhail Bakhtin, cujas ideias desempenham papéis cruciais na psicologia cognitiva e no dialogismo. Enquanto Vygotski é renomado por sua teoria sociointeracionista, que enfatiza a importância das interações sociais e culturais no desenvolvimento cognitivo, Bakhtin é celebrado por sua abordagem dialógica, que explora como a linguagem e o diálogo moldam a compreensão e a construção de significados. Ao integrar as perspectivas desses dois autores, pretendemos oferecer uma visão abrangente e interconectada sobre os processos de aprendizagem e comunicação, destacando a relevância dessas teorias para a Educação Inclusiva e a formação de identidades em contextos sociais diversificados.

Lev Vygotski foi um dos principais teóricos da psicologia do desenvolvimento e contribuiu significativamente para a transformação no campo educacional, sendo referencial em diversas pesquisas, inclusive as sobre ensino. Sua teoria sociointeracionista enfatiza a importância das interações sociais e culturais no desenvolvimento cognitivo. Vygotski (2009) argumentava que o aprendizado ocorre primeiro em nível social (interpsicológico) e depois em nível individual (intrapsicológico). Esse enfoque destaca a importância do contexto social e das relações interpessoais no processo de aprendizagem, algo que é particularmente relevante na Educação Inclusiva.

Paralelamente, o filósofo e pensador russo Mikhail Bakhtin, com seus estudos sobre o dialogismo e os gêneros do discurso, contribuiu significativamente para essa discussão.



Bakhtin (1999) introduz o conceito de dialogismo, que é a ideia de que toda comunicação é essencialmente um diálogo. Segundo ele, cada enunciado está em constante interação com outros enunciados, criando uma rede complexa de significados. No contexto educacional, isso significa que o aprendizado é um processo interativo e dinâmico, em que os alunos constroem conhecimento por meio da interação com os professores, os colegas e o conteúdo curricular.

Nesse sentido, os signos são sempre parte de um processo de comunicação e nunca existem isoladamente. Eles ganham significado no contexto das interações sociais. Por exemplo, a mesma palavra ou símbolo pode ter diferentes significados dependendo do contexto em que é usado, de quem o utiliza e com que intenção. Bakhtin (1999) explica que os signos são fenômenos originários do mundo exterior que produzem efeitos sobre esse mesmo mundo. Isso significa que os signos não apenas refletem a realidade, mas também a moldam e influenciam. Essa característica torna os signos fundamentais para a reflexão e estudo das ideologias, pois eles medeiam a relação entre a consciência individual e a realidade social. Por meio dos signos, as ideologias materializam-se e manifestam-se em práticas concretas, influenciando comportamentos e percepções.

Um exemplo de signo, para Bakhtin, é a palavra:

A palavra constitui um meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica, que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica, nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais (Bakhtin, 1999, p. 41).

Dessa forma, compreender a função dos signos em diversos domínios ideológicos também pode auxiliar na melhoria de práticas educacionais e comunicativas, promovendo uma comunicação mais eficaz e uma maior consciência crítica sobre as influências ideológicas. Na educação, por exemplo, essa compreensão pode ajudar a desenvolver currículos que abordam criticamente a forma como as ideologias são construídas e comunicadas.

Para Vigotski (2009), o processo de internalização do conhecimento dá-se por meio de sua teoria da Zona de Desenvolvimento Iminente (ZDI). Esta é definida como a distância entre o nível de desenvolvimento atual do aprendiz, determinado pelo que ele pode fazer de forma independente, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado pelo que ele pode realizar com a orientação de um adulto ou a colaboração de pares mais capazes. Essa zona é crucial para entender o processo de aprendizagem como uma atividade socialmente mediada.

Nesse sentido, a ZDI destaca a importância da mediação no processo de aprendizagem. Para Vigotski (2009), a aprendizagem ocorre pela interação com outros, o conhecimento é construído coletivamente antes de ser internalizado individualmente. Assim, o aprendiz, ao interagir com colegas e professores, torna-se capaz de desempenhar tarefas e resolver problemas que estariam além de suas capacidades caso tentasse de forma autônoma.



2 A mediação no processo de aprendizagem

Ao investigar o desenvolvimento do conhecimento escolar e a compreensão do ser humano como um ser histórico, é fundamental analisar a linguagem e a psicologia no contexto educacional. Esta análise permite aprofundarmo-nos em aspectos específicos das discussões, como questões políticas, sociais e econômicas. É essencial reconhecer que uma abordagem psicológica do ser humano não deve impor limitações entre o pedagógico e o psicológico. Pelo contrário, deve ampliar o horizonte social de todos os envolvidos, promovendo maior valorização da cultura e do patrimônio histórico nos processos humanos. Essa perspectiva integradora enriquece a compreensão das interações e do desenvolvimento humano, destacando a importância de um olhar multidisciplinar que valorize as diversas dimensões do conhecimento e da experiência humana (Miotello; Di Camargo Junior, 2023).

Ao relacionar os dois autores, Bakhtin (2010) e Vigotski (2009), percebe-se que, apesar de suas teorias apresentarem enfoques diferentes, elas possuem muitos pontos de convergência. Segundo Miotello e Di Camargo Junior (2023, p. 138), “Eles pensaram e escreveram diversamente, diferentemente, e sobre muitas das mesmas coisas”. Há uma clara inter-relação entre seus pensamentos. Para ambos, o diálogo é uma ponte para o mundo, sempre direcionado ao outro, ao ser humano. Esta característica é uma marca distintiva de suas abordagens. Eles compreendiam a existência da consciência individual de uma forma filosófica, sempre mediada pelo outro ou pelo mundo, enfatizando a importância das interações nas relações humanas.

Bakhtin concentrou seus estudos na filosofia da linguagem, especialmente no conceito de dialogismo, que explora como as palavras e seus significados podem se transformar ao longo do tempo e em diferentes contextos sociais. Para Bakhtin, a linguagem é essencialmente um fenômeno social, moldado pelas interações e diálogos entre os indivíduos. Vigotski, por outro lado, centrou seus estudos no desenvolvimento psicológico do indivíduo, com ênfase em como a interação social e a linguagem influenciam o desenvolvimento cognitivo.

Ambos os autores compartilham uma base teórica comum ancorada no Materialismo Histórico. Eles acreditavam que tanto a formação do sujeito quanto o desenvolvimento da linguagem são processos intrinsecamente sociais e que o contexto histórico e cultural é fundamental para entender como os indivíduos se desenvolvem e como a linguagem evolui.

Para os autores, a mediação é um elemento central no processo educacional. A obra de Vigotski fundamenta-se na premissa de que o aprendizado e o desenvolvimento estão intrinsecamente vinculados, enfatizando a transição entre as dimensões intersíquica e intrapsíquica do sujeito. Nesse sentido, os pensadores russos destacam que a interação social, mediada pelo uso de instrumentos e signos, é o que permite a internalização do conhecimento e a formação das funções psicológicas superiores.



Nesse processo, a linguagem destaca-se como ferramenta fundamental, pois é essencial para a integração e compreensão do mundo e de si mesmo. Uma vez que ela permite a expressão de pensamentos e sentimentos, facilitando a socialização e o desenvolvimento cognitivo, é por meio da linguagem que o indivíduo constrói significados e reflete sobre sua existência. Para tanto, Miotello e Di Camargo Junior (2023), afirmam que destacar a linguagem e concebê-la como uma forma de trabalho, uma força produtiva, equivale a reconhecê-la como uma mediação, uma interação entre as materialidades sociais da comunicação. Os sentidos e significados adquiridos por meio de reflexões dialógicas, especialmente em análises conjuntas como as realizadas neste ensaio, são continuamente construídos e reconstruídos de acordo com as necessidades fundamentais dos indivíduos.

Partindo dessa premissa, Bakhtin (2010), enfatizou o papel do dialogismo na mediação. Ele vê o diálogo como fundamental para a construção do conhecimento: cada enunciado é uma resposta a enunciados anteriores e antecipa enunciados futuros. A comunicação não é unilateral, mas um processo dinâmico e interativo em que os significados são continuamente negociados e reconfigurados. Em seu estudo sobre os gêneros do discurso, Bakhtin demonstra que a compreensão e a produção do discurso dependem do contexto social e das interações contínuas entre os interlocutores.

Porém, para que ocorra o processo dialógico, é essencial que ambas as partes estejam abertas à negociação e ao exame crítico de suas próprias posições. Isso não significa necessariamente concordar, mas estar disposto a explorar as nuances e contextos que moldam cada perspectiva. Por exemplo, se discordamos completamente da visão de um conhecido sobre uma pessoa — se, por exemplo, consideramos alguém um ladrão enquanto ele a vê como um herói — não há possibilidade de diálogo a menos que ambos estejam dispostos a reconsiderar essa avaliação total e examinar outros aspectos. Se essa disposição não existir, haverá uma incompatibilidade radical que impossibilita o diálogo, em vez de uma simples divergência entre valores (Sobral; Giacomelli, 2018).

Em um ambiente educacional, essa abordagem é fundamental para promover a compreensão mútua e o aprendizado significativo. O educador deve incentivar os alunos a reconhecerem e respeitarem as diferentes perspectivas, facilitando um espaço onde o confronto de ideias se transforme em uma oportunidade de crescimento e desenvolvimento cognitivo.

Bakhtin (2010) sugere que a mediação é um processo de interação mútua, em que a reciprocidade e a responsabilidade dos participantes são essenciais. Central a esse processo é a posição de exotopia: a capacidade de situar-se fora do outro para, a partir desse 'excedente de visão', compreendê-lo de maneira que ele mesmo não conseguiria sozinho. Essa distância produtiva não isola os sujeitos, mas facilita a criação de significados compartilhados e a



internalização dos processos de comunicação. Aplicar esses princípios permite transitar da simples troca de informações para um diálogo autêntico, fomentando um ambiente mais inclusivo, colaborativo e eticamente engajado.

Quando o educador emprega a linguagem, ele não está apenas compartilhando conhecimento, mas também moldando significados que contribuem para a formação de sua própria identidade e a dos alunos. Essa construção de sentido dá-se por meio de interações ricas em significados sociais e culturais (Bakhtin, 2010). Ao utilizar a linguagem, o educador cria um ambiente propício para que os alunos possam internalizar esses significados e desenvolver suas próprias identidades.

Para Vigotski (2009), só existe aprendizagem quando, de fato, ocorre a internalização do conhecimento. Este, que é um processo pelo qual as funções mentais externas e sociais se tornam internalizadas e individualizadas. Para isso, as interações sociais e o uso de ferramentas culturais são fundamentais para o desenvolvimento cognitivo. Através da mediação e da interação com outros, o aprendiz gradualmente internaliza as habilidades e conhecimentos necessários para operar de forma independente. Nesse sentido, ele afirma:

à formação e a estruturação das formas superiores de atividade psíquica se realizam no processo de desenvolvimento social da criança, no processo de sua inter-relação e colaboração com o meio social circundante (Vigotski, 2021, p. 199).

Em sua obra, “A construção do pensamento e da linguagem” (2009), publicada originalmente em 1934, Vigotski busca entender como se dá a conformação dos conceitos científicos pelas crianças. A concepção de desenvolvimento psicológico na perspectiva de Vigotski tem como característica central ser mediada pela unidade básica do pensamento, o significado da palavra. Nessa perspectiva, é pela aprendizagem da linguagem que se dá o desenvolvimento do pensamento.

Como exemplo prático, podemos destacar a aprendizagem da língua; pelas bases de Vigotski, uma criança aprende a falar a partir da interação com pais e cuidadores, usando a linguagem como ferramenta de mediação. Com o tempo, a criança internaliza as regras gramaticais e o vocabulário, sendo capaz de falar e entender a língua de forma independente.

A mediação linguística desempenha um papel crucial no processo educativo. O educador atua como um mediador, utilizando a linguagem para criar conexões entre o conhecimento acadêmico e as experiências diárias dos alunos. Essa mediação permite contextualizar e compreender melhor o conteúdo, promovendo uma aprendizagem mais profunda e significativa. Tanto as interações verbais, como debates e questionamentos, quanto as interações não-verbais, como gestos e expressões faciais, enriquecem o processo de ensino e aprendizagem (Fernandes; Carvalho; Campos, 2012).



A identidade do educador e do educando são continuamente moldadas e redefinidas por essas interações. O educador, ao afirmar seu papel e sua identidade, influencia como os educandos percebem e constroem suas próprias identidades. Além disso, essas interações carregam relações de poder que podem afetar a dinâmica da sala de aula. Reconhecer e abordar essas relações é crucial para criar um ambiente educacional equitativo e inclusivo (Fernandes; Carvalho; Campos, 2012).

O processo educativo atinge um ponto crucial quando o educando internaliza os instrumentos de mediação e passa a realizar, de forma independente, tarefas que antes exigiam a orientação direta do educador. Inicialmente, o aluno utiliza a linguagem verbal e não-verbal para reproduzir os modelos e estruturas fornecidos pelo mediador; no entanto, essa fase de suporte é o que possibilita a transição para a autonomia. Ao internalizar os processos de aprendizagem e contar com a mediação de pares, o estudante gradualmente assume a responsabilidade sobre seu próprio desenvolvimento. Assim, ele supera a simples repetição e inaugura sua própria independência de pensamento e expressão, utilizando as bases recebidas para inovar e desenvolver sua voz autoral (Vigotski, 2009). Sob essa perspectiva da enunciação vivenciada pelo educando, o que acontece é que ele assume uma posição enunciativa alinhada ao objetivo de desenvolver a independência esperada. Isso pode converter a experiência discursiva em um ambiente de criação de significado, abrindo caminho para uma nova posição enunciativa: a da Zona de Desenvolvimento Iminente. Em outras palavras, essa é a posição onde o educando atua dentro dos limites de uma nova mediação pedagógica, demonstrando a capacidade de realizar de forma independente aquilo que anteriormente necessitava de apoio (Vigotski, 2009).

2 Um exemplo prático: a mediação dialógica e a ZDI em uma Trilha Ecológica Inclusiva

A aplicação das perspectivas de Vigotski e Bakhtin no processo de ensino-aprendizagem pode ser ilustrada por uma pesquisa de mestrado desenvolvida em um espaço de educação não formal: uma trilha ecológica com estudantes com deficiência visual (Souza, 2025). A investigação, realizada na Pista Claudio Coutinho, na cidade do Rio de Janeiro, teve como objetivo analisar como um audioguia poderia funcionar como ferramenta de mediação do conhecimento e inclusão para aquele público. A experiência prática revelou como a linguagem e a interação social são cruciais para a construção de significados em um contexto de ensino de Ciências.

Para Vigotski, a aprendizagem é impulsionada pela mediação, que permite ao aprendiz realizar tarefas que não conseguiria de forma independente, atuando em sua Zona de Desenvolvimento Iminente (ZDI). Na pesquisa, a trilha, apesar de rica em biodiversidade e

história, apresentava barreiras de acessibilidade para os alunos com deficiência visual. A simples presença física no local não garantia a apropriação dos conceitos científicos (biológicos, geológicos) e históricos ali presentes.

O audioguia (Figura 1), desenvolvido como uma Tecnologia Assistiva, funcionou exatamente como a ferramenta mediadora proposta por Vigotski. Por exemplo, ao passarem por uma formação rochosa, os estudantes podiam tateá-la, uma ação que se insere no seu nível de desenvolvimento atual. No entanto, foi a mediação do audioguia que introduziu conceitos científicos como a composição da rocha (gnaisse), o processo de sua formação (intemperismo) e a fauna associada ao local, como répteis e mamíferos. O audioguia, portanto, atuou diretamente na ZDI dos alunos, conectando sua experiência sensorial concreta a um conhecimento científico sistematizado, que posteriormente foi internalizado, como observado nas entrevistas. A ferramenta serviu para compensar socialmente a dificuldade imposta pelo ambiente, focando não na deficiência, mas na potencialidade de aprendizagem.

Figura 1. QR Code do audioguia da Pista Claudio Coutinho



Fonte: acervo dos autores.

Bakhtin (2010) defende que todo enunciado é dialógico, ou seja, ele responde a outros e antecipa futuras respostas, construindo significados na interação. A experiência na trilha foi um claro exemplo desse processo. O audioguia não foi uma voz monológica que apenas transmitiu informação; ele iniciou um diálogo com os alunos. A sua narrativa (a "voz" do jornalista, a audiodescrição, os fatos científicos) encontrou as vozes internas dos estudantes, repletas de seus conhecimentos prévios, experiências e percepções sensoriais.

Isso ficou evidente nas entrevistas realizadas após o percurso. Um estudante, ao ser perguntado sobre o que percebeu na natureza, mencionou ter ouvido o canto do pássaro gaturamo, uma informação que havia sido apresentada no audioguia, e a conectou com a sua própria percepção auditiva no local. Outra aluna, ao refletir sobre a acessibilidade, dialogou



com a informação sobre a Pista ser uma área de preservação, ponderando que a instalação de um piso tátil poderia ser complexa por esse motivo. Em suas falas, os alunos não estavam meramente repetindo o conteúdo do audioguia, mas o reelaborando, concordando, complementando e o integrando às suas próprias vivências, num claro processo dialógico de construção de conhecimento.

Dessa forma, a experiência prática com o audioguia na Pista Claudio Coutinho materializa a convergência das teorias de Vigotski e Bakhtin. A atividade demonstrou que, ao aliar uma ferramenta de mediação eficaz a um ambiente que estimula a interação e o diálogo, é possível promover uma aprendizagem em ciências que é, ao mesmo tempo, mais profunda, significativa e verdadeiramente inclusiva.

Considerações finais

Este artigo buscou explorar a interseção das teorias de Lev Vigotski e Mikhail Bakhtin, destacando suas contribuições para o campo do ensino-aprendizagem. Ambos os teóricos, embora com enfoques distintos, oferecem insights valiosos sobre a importância das interações sociais e culturais no desenvolvimento cognitivo e na formação da identidade. Ao abordar a linguagem como uma ferramenta fundamental para a construção do conhecimento e a mediação de significados, Vigotski e Bakhtin proporcionam uma base teórica robusta para práticas educacionais que promovem a inclusão e a equidade.

Vigotski enfatiza a Zona de Desenvolvimento Iminente como um conceito central para compreender o processo de aprendizagem. A ZDI destaca a importância da mediação e da colaboração no desenvolvimento cognitivo, perspectiva em que o aprendizado ocorre inicialmente em um contexto social antes de ser internalizado individualmente. Esse enfoque sublinha a necessidade de um ambiente educacional que valorize a interação entre alunos, professores e colegas mais experientes, facilitando a construção coletiva do conhecimento.

Bakhtin, por sua vez, introduz o conceito de dialogismo, que reforça a natureza interativa e dinâmica da comunicação. Segundo Bakhtin, a linguagem e os significados são continuamente moldados por meio do diálogo, em que cada enunciado é uma resposta a outros enunciados. Essa perspectiva dialogística é fundamental para compreender como os alunos constroem conhecimento em um ambiente educacional. Ao criar um espaço onde os significados são negociados e reconfigurados constantemente, o educador pode promover uma aprendizagem mais rica e significativa.

A interseção dessas teorias sugere que a mediação linguística é crucial para o processo educativo. Tanto Vigotski quanto Bakhtin destacam que a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas também uma ferramenta para a construção de significados e a



formação da identidade. No contexto da educação, essa mediação é ainda mais vital, pois permite que todos os alunos, independentemente de suas habilidades ou necessidades especiais, participem ativamente do processo de aprendizagem.

A prática educacional baseada nesses princípios requer um educador consciente de seu papel como mediador e facilitador. Utilizando a linguagem de maneira eficaz, o educador pode criar um ambiente que transcenda a mera transmissão de conhecimento, permitindo a construção de significados compartilhados. Esse ambiente deve ser inclusivo, reconhecendo e valorizando a diversidade de experiências e perspectivas dos alunos.

Além disso, reconhecer as relações de poder implícitas nas interações educacionais é essencial para promover um ambiente equitativo. A mediação deve ser conduzida de maneira que empodere os alunos, permitindo-lhes desenvolver autonomia e independência. Isso envolve não apenas a transmissão de conhecimento, mas também a facilitação de processos críticos de reflexão e inovação.

As considerações de Bakhtin sobre a exotopia, processo em que cada interlocutor entende o outro de forma mais profunda, são particularmente relevantes aqui. Ao adotar uma postura exotópica, o educador pode criar um ambiente de aprendizado onde os alunos se sentem compreendidos e valorizados, o que é essencial para o desenvolvimento de uma identidade positiva e para a internalização efetiva dos processos de comunicação.

Nesse contexto, a educação inclusiva, particularmente para alunos com deficiência visual, encontra um alicerce sólido. As Tecnologias Assistivas, exemplificadas no estudo pelo audioguia, transcendem sua função de meros facilitadores de acesso. Sob a ótica vigotskiana, elas se revelam como potentes ferramentas de mediação pedagógica que atuam diretamente na ZDI, conectando a experiência sensorial a conceitos abstratos e compensando socialmente as barreiras impostas pelo ambiente. O foco desloca-se da deficiência para a potencialidade de aprendizagem do sujeito.

Adicionalmente, a perspectiva bakhtiniana adverte que a eficácia de tais recursos depende de sua concepção dialógica. Um recurso que apenas transmite informações de forma monológica limita o aprendizado. Em contrapartida, quando projetado para iniciar um diálogo — encontrando as vozes, os saberes prévios e as vivências dos estudantes, como observado na pesquisa —, ele transforma o processo. Portanto, a promoção e o desenvolvimento de futuras práticas e recursos educacionais inclusivos devem priorizar essa característica interativa, garantindo que o aluno seja um interlocutor ativo na construção de seu conhecimento, e não um mero receptor.

Dessa forma, a integração das teorias de Vigotski e Bakhtin oferece um aporte teórico poderoso para a educação. Ao valorizar a interação social, a mediação linguística e o diálogo



contínuo, os educadores podem criar ambientes de aprendizagem que são ao mesmo tempo inclusivos e transformadores. Essas práticas não só promovem a compreensão e a internalização do conhecimento, mas também contribuem para a formação de indivíduos autônomos e críticos, capazes de refletir sobre sua própria existência e de participar ativamente na construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

BAKHTIN, Mikhail [VOLOCHÍNOV]. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1999.

FERNANDES, Júlio Flávio de Figueiredo; CARVALHO, Mauro Giffoni; CAMPOS, Edson Nascimento. Vigotski e Bakhtin: a ação educacional como projeto dialógico de produção de sentido. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 95–108, jul./dez. 2012.

MIOTELLO, Valdemir; DI CAMARGO JUNIOR, Ivo. Bakhtin e Vygotsky: relações dialógicas em torno da educação. *Caderno de Ensino, Linguagens e suas Tecnologias*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 135–154, jul./dez. 2023.

SOBRAL, Adali; GIACOMELLI, Karina. Comentários sobre o círculo de Bakhtin e Vigotski para uma concepção dialógica de educação. *PERcursos Linguísticos*, Vitória, v. 8, n. 19, p. 12–27, 2018.

SOUZA, Caio de Araujo. 2025. XXX f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Biociências e Saúde) – Instituto Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2025.

VIGOTSKI, Lev S. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

VIGOTSKI, Lev S. *Problemas da defectologia: volume I*. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

Recebido em: 10.10.2025

Revisado em: 17.3.2026

Aprovado em: 19.3.2026